



Revista Movimentos Sociais & Dinâmicas Espaciais

ISSN: 2238-8052

<http://www.revista.ufpe.br/revistamseu>

Artigo recebido em 14/05/2017 e aceito em 13/07/2017.

VIAGEM EMOCIONAL E AGIR GEOPOÉTICO: AS MEMÓRIAS DA ÁGUA, DA PRÁTICA INDIVIDUAL A NOVOS IMAGINÁRIOS URBANOS¹

*VOYAGE ÉMOTIONNEL ET ACTIONES GÉO-POÉTIQUES: LES MEMOIRES
D'EAU DES PRATIQUES INDIVIDUELLES Á NOUVEAUX IMAGINAIRES
URBAINS*

Francesco VALLERANI²

RESUMO

O objetivo desta breve análise é discutir do ponto de vista da percepção subjetiva o complexo tema do habitar conscientemente. Habitar os lugares é uma prática espontânea, da qual normalmente não temos consciência; nós não dedicamos suficiente atenção aos lugares, porque frequentemente não conseguimos escapar do fluxo acrítico dos acontecimentos. Atualmente é inegável que exista uma relação íntima entre o urbanismo medíocre e o desprezo pela memória, com a anulação imediata do significado profundo dos lugares. Disso resulta que a realidade geográfica mais profunda poderá ser conhecida somente com a adoção de uma atitude consciente da empatia e da contemplação, recuperando estratégias de exploração caracterizadas pelo ritmo lento, capaz de retornar à viagem emocional. Os elementos da hidrografia superficial desempenham um papel importante nas topografias emocionais da vida quotidiana. Apesar da inquietante degradação do meio ambiente ao longo dos numerosos segmentos fluviais, é ainda possível organizar uma reabilitação fisionômica e funcional geral dos corredores fluviais adotando as estratégias mais testadas com as imagens ambientais da pós-modernidade. Cada pequeno rio ou canal faz parte de um sistema regional de escoamento superficial e como tal tem o poder simbólico de recordar a uma comunidade a importância de se considerar a construção da paisagem, na realidade de todo o tipo de paisagem, como um ato de responsabilidade e de respeito pelas gerações futuras.

Palavras-chave: emoção, geopoética, sentido do lugar, águas da memória.

RÉSUMÉ

L'objectif de cette brève analyse est d'affronter du point de vue de la perception subjective le thème complexe de l'habiter consciemment. Habiter les lieux est une pratique spontanée, dont nous sommes souvent inconscients; nous ne consacrons toujours assez d'attention aux lieux,

¹ Tradução do italiano ao português por Emiliano de Brito Rossi. E-mail: rossiemiliano@yahoo.com.br.

² Professor of the Department of Economics, University Ca' Foscari di Venezia, Italia. E-mail: ramusa@unive.it.

parce que nous ne réussissons pas à sortir de l'écoulement acritique des événements. Maintenant, il est indéniable l'étroite relation entre l'urbanisme médiocre et le mépris de la mémoire, avec l'annulation immédiate du signifié profond des lieux. Il en résulte que la réalité géographique la plus profonde on peut connaître seulement que par l'adoption d'une attitude consciente de l'empathie et de la contemplation, en récupérant stratégies d'exploration caractérisée par le rythme lent, en mesure de revenir au voyage émotionnel. Les éléments de l'hydrographie superficielle ont un rôle important dans les topographies émotionnelles de la vie quotidienne. Malgré l'inquiétante dégradation de l'environnement le long de nombreuses segments fluviaux, il est encore possible d'organiser une générale réhabilitation physiologique et fonctionnelle des corridors fluviaux. Chaque petit fleuve ou canal fait partie d'un système régional d'écoulement superficiel et en tant que tel a le pouvoir symbolique de rappeler l'importance pour une communauté à envisager la construction du paysage, mais en réalité tous les paysages, comme un acte de responsabilité et de respect pour les générations futures.

Mots-clés: émotions, géo-poétique, sens du lieu, eaux de la mémoire.

1. EMOÇÕES E GEOPOÉTICA

O objetivo desse breve texto é discutir de um ponto de vista das percepções subjetivas a complexa temática do habitar de modo consciente. Trata-se de um discurso necessário, e talvez urgente, em um contexto de rápida transformação, muito frequentemente pejorativa, dos quadros ambientais. A crescente demanda por uma melhor qualidade dos centros urbanos provém antes de baixo, dos habitantes, do que de uma classe política em condições de iniciar processos cognoscitivos mais atentos à dimensão emocional da existência.

Nessa perspectiva, na década passada, a Geografia Humana elaborou um instrumento analítico específico, mais atento às dimensões simbólicas e aos aspectos subjetivos da experiência territorial. Isso significa mesmo re-escutar a narrativa das emoções, valorizando a empatia e até mesmo aquele complexo entrelaçar de significados que jazem escondidos e frequentemente esquecidos, sob as fisionomias visíveis das paisagens. Nessa abordagem é possível ler de um modo novo as áreas de intensa urbanização, onde os lugares se tornaram anônimos, privados de suas memórias e dos laços afetivos.

Para a recuperação da dimensão supracitada é fundamental o recurso à produção artística, com atenção particular à literatura e à pintura. No agir geopoético o literato utiliza mecanismos psico-geográficos que fazem emergir importantes topografias quotidianas, portanto dedicadas às estratégias do habitar a Terra. Para uma frutífera aplicação desses conceitos sugere-se operar sobre traçados fluviais menores, frequentemente abandonados e esquecidos, que ainda correm nos contextos territoriais de mais intensa urbanização.

É, além disso, indiscutível que ao longo de waterfronts fluviais na maior parte dos contextos metropolitanos do mundo ocidental, consolidaram-se novas vistas territoriais,

animadas pelo interesse pela tutela da paisagem, para o cuidado dos bens coletivos. Cada fluxo singular é partícipe do sistema territorial e como tal tem em si o poder simbólico de rememorar tudo o que seja importante para uma comunidade considerar a construção da paisagem, de qualquer paisagem, como um ato de responsabilidade e respeito pelas futuras gerações.

E, de fato, cada sistema hidrográfico, dos grandes rios das antigas civilizações do Egito e da Mesopotâmia aos cursos de água que abrigaram ao longo de suas margens a maior parte dos centros habitados da terra, pode considerar-se o mais atrativo elemento geomorfológico para o favorecimento de uma presença social estável e complexa. A ação secular antrópica produziu múltiplas tipologias de paisagens fluviais, que podem ser identificadas com base nas escolhas da gestão hidráulica, das estratégias econômicas, mas também como produto de específicas visões éticas e estéticas (HASTRUP, HASTRUP, 2015). Aquilo que se deseja evidenciar neste artigo não são as relações utilitaristas e práticas, mas sim aquelas ligadas às aptidões sociais, às relações estéticas que unem as percepções quotidianas ao sentimento de pertencimento aos lugares da água e, em particular, à hidrografia em ambientes de elevada urbanização. (McMILLIN, 2011).

O fulcro temático deste ensaio é a visão do curso de água como um percurso tanto prático quanto simbólico, como oportunidade para uma viagem emocional ao interior das complexas representações das paisagens da mente, com a adoção da metodologia habitual da geografia humanista que utiliza de maneira frutífera o diálogo com os discursos literários, filosóficos, psicológicos e artísticos (WYLIE, 2007). E, em particular, as paisagens da água são um privilegiado âmbito de pesquisa justamente pela preferência inata do seres humanos por elas. A psicologia ambiental demonstrou já há algum tempo, de fato, que as percepções dos rios, lagos e canais suscitam uma enorme variedade de emoções, que variam com base nelas tipologias de paisagens de água e em suas qualidades estéticas (HERZOG, 1985; KAPLAN, KAPLAN, 1989; WILKIE, STRAVIDOU, 2013). Deseja-se, portanto, iniciar uma reflexão sobre o conceito de hydrophilia, seguindo a abordagem utilizada por Yi Fu Tuan na elaboração do seu texto fundamental, *Topophilia*, dedicado às relações psicológicas entre homem-habitante e os lugares (TUAN, 1974); advém de tal fato que as paisagens e as memórias da água também podem estimular percepções ancestrais ligadas ao bem-estar e à experiência estética que iniciam com os estímulos físicos dos sentidos e, em particular, da visão, do olfato e da audição e que concluem-se com estados de espírito, emoções e relações afetivas.

2. RUMO A GEOGRAFIAS EMOCIONAIS

Habitar os lugares é uma prática espontânea, da qual somos frequentemente inconscientes; nem sempre dedicamos suficiente atenção para este fato pois não conseguimos

emergir do fluir acrítico dos eventos. As vivências que temos no interior do espaço vivido são ações redutoras, que simplificam as nossas geografias emocionais, restringindo os horizontes aos quotidianos dinâmicos dominados pela racionalidade. Não há tempo para se ocupar de outras sensações; devemos prosseguir entre as obrigações impostas pelo utilitarismo individual.

Dessa renúncia à consciência sensível deriva uma perda na capacidade de produzir lugares onde se possa exercitar a sapiência do habitar. As consequências desse empobrecimento relacional com as geografias quotidianas são tão evidentes que não é necessário dotar-se de refinados instrumentos de análise urbanística e da valorização dos impactos ambientais para colher a dramaticidade moderna das intensas dinâmicas dissipativas que estão deteriorando o espaço vivido. Além disso, é inegável a estreita relação entre mau urbanismo e o desprezo pela lembrança, entre prevalência mesquinha do lucro imediato e o ultrajante apagamento da memória dos lugares. Tal constatação alimenta há algumas décadas um setor não negligenciável da pesquisa geográfica, em grande parte devedora do olhar fenomenológico, muito atento, esse último, ao destrinchar-se das nuances de sentido legível entre as múltiplas estratificações que sustentam a evolução das formas territoriais.

A ciência dos lugares convida cada vez mais a uma estrita associação entre pesquisa de campo e o sucessivo emprego dos dados recolhidos para a planificação do território. Survey before action, como amava sublinhar o geógrafo escocês Patrick Geddes, tinha como objetivo tornar a pesquisa geográfica útil para o melhoramento da qualidade da vida dos habitantes (GEDDES, 1968).

É nesse sentido que se põem as bases culturais daquilo que se define “geografia Humanista”, ou seja, a abordagem científica que quer renovar uma disciplina que foi por muito tempo uma “geografia dos homens, mas sem pessoas”. A definição do objeto da geografia como “ciência do território habitado” foi o encargo conceitual herdado da tradição científica precedente. É esse o grande filão dentro do qual se colocam nos últimos anos as mais significativas inovações metodológicas da ciência geográfica, que concernem em particular à recuperação das dimensões simbólicas, dos espaços de ambiguidade, de polissemia, de interpretações dos eventos, encorajando ademais a revalorização dos “objetos sociais” importantes, como os valores e as normas, as tradições culturais, as práticas compartilhadas (SEAMON, MUGERAUER, 1985).

Esse retorno aos aspectos subjetivos da experiência territorial abre a estrada para a reintrodução das emoções, dos valores produzidos pela empatia e, portanto, até mesmo àquele complexo entrelaçar-se de significados que jazem escondidos, e frequentemente esquecidos, sob as fisionomias visíveis da paisagem. Com tal abordagem a geografia necessita colher nuances de “sentido” que tornam únicos os lugares, reabilitando a capacidade de significação por parte dos

atores humanos que volta a ser uma das variáveis fundamentais para a compreensão integral do processo de territorialização, incluindo-se até mesmo as reações negativas à evolução dos quadros ambientais, como o medo e o mal-estar existencial. Como consequência disso, as realidades geográficas se podem ser conhecidas somente adotando uma postura consciente de empatia e de contemplação, recuperando estratégias exploratórias de ritmos lentos, confiando-se no quanto ainda as atuais estruturas urbanas estão em condições de restituir a viagem emocional (DAVIDSON, BONDI, SMITH, 2005).

À metáfora da viagem se liga àquela da exploração, atividade necessária para adquirir um nível mais profundo de familiaridade com os lugares em exame: será, por isso, necessário falar com os habitantes, compreender seus estados de ânimo, dividir momentos de convívio para atenuar o status de pesquisador e fazer as emoções próprias interagirem com as outras percepções. A autenticidade da abordagem, o empenho, a pesquisa lenta e interna, o uso de métodos antropológicos são a base disso que foi definido como “observação participante”, ou “trabalho experimental de campo”. Trata-se, pois, de uma verdadeira e própria viagem sentimental que conduz através dos estratos dos significados que em cada paisagem se acumulam no tempo, como consequência do complexo entrecruzamento das ações antrópicas. Mas tais significados nem sempre são facilmente legíveis, sendo frequentemente expressões de uma dimensão subjetiva que, no caso das paisagens onde a ação do homem já dura séculos, é difícil reencontrar a não ser no patrimônio das representações que provêm da literatura, da arte, dos percursos filosóficos, ou até mesmo em expressões culturais como a música, o cinema, a fotografia.

3. AÇÃO GEOPÓETICA E PESQUISA DOS LUGARES

Nos dias de hoje, a insistente produção de lugares efêmeros, favorecendo as dinâmicas banais de um homogeneizante modelo de desenvolvimento, deixa sem pontos de referência asseguradores aquele que ainda se obstina a agir como habitante consciente, necessitado de conteúdos reconhecíveis para adquirir e conservar a legibilidade das geografias cotidianas. Boa parte da territorialidade contemporânea, especialmente em contextos de intensa urbanização, se compõe de geografias homogêneas do anonimato em que é difícil encontrar significados compartilhados e se é constrito a sofrer a perda das noções e ações fundamentais que ordenam o espaço, produzindo-se um vácuo que requer um novo e nem sempre satisfatório enraizamento. Talvez a “desorientação”³ (TARPINO, 2012) esteja entre os estímulos mais significativos que

³ N.T.: Em italiano *spaesamento*, que, por sua derivação do verbo *spaesare*, remete igualmente às noções de exílio e expatriação, que, no entanto, em português, não se ligam de forma imediata à noção de “desorientação”.

justificam a consolidação do espírito crítico: inicialmente se trata de ações pontuais, átomos isolados de insatisfação existencial que não tardam a agregar-se, encontrando no compartilhamento do sofrimento o remédio e a energia ética para prosseguir-se na tentativa de curar as geografias cotidianas.

Isso que entre os cultores dos estudos humanísticos se tende a definir como *spatial turn*, ou seja, um motivado e profícuo entrecruzamento das várias disciplinas literárias, artísticas e filosóficas com a dimensão espacial, regenera a potencialidade interpretativa da geografia humanística, pondo-a em cada vez mais frequentes relações com a eloquência das criações artísticas, preciosa chave de leitura para adentrar-se nos profundos mecanismos das percepções subjetivas (DANIELS, DELYSER, ENTRIKN, 2011). Entre os múltiplos êxitos dessa integração das narrações específicas se nota facilmente o revigoramento recíproco das capacidades heurísticas, com o geógrafo que consegue tornar próprias as refinadas e imprevisíveis visões veiculadas por textos literários (e em particular pela poesia). Não obstante o crítico literário, mas sobretudo o poeta e o romancista contemporâneos, são sempre mais atraídos, nessas décadas de sofrimento dos territórios, pela inquietante plasticidade da degradação paisagística, indagando sobre novas declinações do mal-estar, sobre a incoercível tara da injustiça social (VALLERANI, 2013).

Ao mapa como abstração gráfica se associam as misteriosas coordenadas dos mapas mentais dos autores de textos literários, precioso patrimônio de conhecimento geográfico, que já em 1947 fora definido pelo geógrafo John Kirkland Wright como *Terrae Incognitae* (WRIGHT, 1947). Em todo o caso, raramente poetas e escritores dispõem de uma formação geográfica convencional, muito menos cartográfica, ficando, portanto, suas predileções bem de fora (afortunadamente) dos objetivos e métodos da pesquisa aplicada. Se por um lado o fascínio da geografia se associa à infinita variedade das paisagens que estão além dos horizontes do cotidiano, o instrumento do mapa fascina e estimula o agir poético próprio por seu caráter de metáfora, de redução simbólica do real e ao mesmo tempo pela indubitável qualidade estética. Em uma carta geográfica é, portanto, impossível inserir a infinita variedade do real e isto é um estímulo importante para mover a imaginação geo-poética em romancistas e poetas. Se um mapa por um lado é constituído por uma série de sinais em uma folha de papel, por outro tem o poder de evocar uma realidade multi-dimensionale onde atua o caráter concreto dos objetos e das relações sociais. Iniciando com um mapa alguns escritores realizaram a elaboração fantasiosa de suas narrações, como no caso da cartografia imaginária de *Treasure Island* de Robert Luis Stevenson ou aquela igualmente onírica da “*Terra Média*”, que constitui a base de *The Hobbit* e da trilogia *Lord of the Rings* de John Ronal Tolkien (MUEHRCKE, MUEHRCKE, 1974; COSGROVE, 1999; CASEY, 2002).

No agir geopoético o literato utiliza mecanismos psico-geográficos que fazem emergir importantes topografias quotidianas, portanto dedicadas às estratégias do habitar a terra. Se “o homem habita poeticamente”, não é difícil encontrar em quase todo poeta e escritor o extraordinário interesse e cuidado ao recolher o patrimônio disperso da toponomástica menor; restituir o nome aos lugares é sem dúvida a estratégia proeminente para defender a capacidade de habitar. Mas é ainda um tipo de ato primordial, de herói civilizador, o primeiro passo para edificar a territorialidade social; e, nesse sentido, a etnolinguística e a dialetologia são pródigas de estudos e pesquisas de campo para a recuperação e a tutela desta sabedoria à deriva por causa do contínuo e desenfreado processo de erosão dos espaços vividos, veiculado pela já gasta retórica do progresso.

Voltar-se à produção literária permite confrontar um segmento sociocultural específico e circunscrito, certamente em condição de oferecer significativas representações úteis ao conhecimento geográfico, mesmo se existe o risco de que possa prevalecer uma excessiva visão semântica individual, por vezes pouco representativa da comunidade de referência do escritor. Em se tratando de um limite real, a análise das representações literárias, e analogamente aquelas pictóricas, fotográficas e filmicas, propriamente por sua natureza semiótica estão em condições de exprimir convincentes funções comunicativas, oferecendo por isso “alguma coisa de acessível às nossas percepções e que nos garante um contato com um outro inacessível (em razão de sua distância no tempo ou no espaço ou de sua complexidade). A representação nos remete a um alhures mais completo ou fugidio, do qual ela é uma restituição manejável.”⁴ (ZANETTO, 1989, p. 15).

Frequentemente, pode suceder que as intuições literárias deem à leitura dos territórios e à transcrição das singulares empatias com os mesmos, estímulos imprevisíveis e frutíferas reflexões que poderiam ser consideradas para melhorar a habitabilidade dos lugares, mesmo se quase nunca encontrando acolhimento hospitaleiro entre os frios discursos da avaliação ambiental oficial (IOVINO, 2006). Ao contrário, a poesia e outros discursos literários são vistos como intrusões intoleráveis, que poderiam despertar as consciências, deslegitimar um poder irresponsável, lançar descrédito sobre as certezas projetivas dos grandes interesses econômicos. Mesmo no âmbito acadêmico nem sempre é possível o diálogo entre o olhar geopoético e as ciências territoriais “duras”, onde as certezas do rigor quantitativo e experimental muito frequentemente determinam um excesso de autoestima nos procedimentos analíticos que pretendem reduzir a complexidade somente aos dados mensuráveis. A realidade fugidia das percepções pessoais, a criação de conhecimentos individuais e interpretações do mundo, a compreensão das vivências dos habitantes singulares estão todavia encontrando uma crescente

⁴ N.T.: Citação traduzida do francês e com os negritos no original.

legitimação “através de uma análise principalmente (mesmo que não exclusivamente) artístico-literária das temáticas territoriais, e a elaboração de uma filosofia do Sujeito no Território” de marca fenomenológica e existencialista.” (PEZZULLO, 2013, p. 132).

4. NA BUSCA DE ÁGUAS URBANAS, ENTRE MEMÓRIA E VISÕES SONHADORAS

Talvez poucas dentre as topografias emocionais do viver cotidiano suscitem um interesse tão elevado como os concernentes aos elementos da hidrografia superficial, e em particular quando convivem com os processos evolutivos dos territórios dominados pela racionalidade e pelo utilitarismo transformativo. Rios menores que correm entre os campos dominados pela agricultura intensiva e monocultora, canais artificiais construídos nos séculos passados, especialmente em âmbito europeu, restos escondidos de hidrografias urbanas, são todos sinais sobre a paisagem que para serem lidos de modo apropriado necessitam não somente de memória individual e coletiva, mas também de reativar esforços de imaginação para confrontar aquilo que o historiador Alain Corbin definia como cegueira da história⁵, perguntando-se, pois, “Como aceder à compreensão do mundo que nós perdemos ou, antes, que acabamos de perder?”⁶ (CORBIN, 1994, p. 14). O historiador francês convidava ao estudo do inatural, disso que é insólito, buscando redefinir a gênese da insignificância⁷ e, portanto, aproveitar da grande vastidão dos arquivos adormecidos, constituídos seja pela concretude tangível dos documentos cartográficos, seja pelo mérito efêmero da história oral.

Ocupar-se de micro-histórias e de geografias marginais, precedentes à homologação dos quadros ambientais, não é somente um exercício de nostalgia, mas responde também à necessidade de compreender as relações com os novos e tumultuosos processos da territorialidade urbanizante, onde a prevalência de dinâmicas de expansão residencial, produtiva, comercial e viária ignora plenamente as regras do habitar que, por séculos, velaram pela coexistência entre necessidades sociais e base ambiental.

Hoje faz-se tanto mais urgente elaborar um acurado recenseamento e avaliação das qualidades naturais e paisagísticas de longos e numerosos corredores hidrográficos que interagem com as grandes transformações urbanas (Fig. 1). Trata-se de responder a uma crescente demanda da parte dos setores mais conscientes da cidadania, continuamente estimulada por uma imprensa local sempre mais atenta às questões ambientais, que já são um desafio irrenunciável para um urbanismo sensível à conservação e revalorização dos cenários

⁵ N.T.: Em francês no original.

⁶ N.T.: Em francês no original.

⁷ N.T.: idem.

urbanos, donde se possa fazer provir oportunidades eficazes para a consolidação de uma qualidade de vida elevada.

Figura 01: Manchester: o Canal Ashton como um elemento da identidade urbana



Fonte: Vallerani.

Não obstante a pesada degradação ambiental em muitos setores fluviais, especialmente nas décadas passadas, em muitas áreas urbanas do planeta é ainda possível organizar uma reabilitação fisionômica e funcional geral dos corredores hidrográficos, graças às convincentes motivações atribuíveis à difusão do excursionismo e de estratégias de oferta turística com baixo impacto ambiental. É ademais indubitável que ao longo de waterfronts⁸ fluviais na maior parte dos contextos metropolitanos do mundo ocidental, foram consolidados novos olhares territoriais, animados pelo interesse pela tutela da paisagem, pelo cuidado com os bens coletivos. O declínio dos rios e canais como via de tráfico comercial e como ambiente de pesca os relegou ao papel de áreas dispensadas; mas é bem notável como a evolução pós-industrial das sociedades opulentas oferece ocasiões significativas de recuperação e revalorização funcionais das estruturas obsoletas criadas durante a expansão industrial paleotécnica (BARTALINI, 2009).

Nesse sentido as condições de marginalidade territorial em que se encontra grande parte do sistema hidrográfico em muitas das áreas metropolitanas pode revelar-se um inesperado ponto de força para reabilitar atraentes cenários estratégicos nos quais se pode colocar uma adequada e madura valorização não somente de contextos específicos de cursos d'água, mas

⁸ N.T.: Em inglês e itálico no original.

também da contígua desordem urbanística, muito frequentemente fruto de especulações imobiliárias e da prevalência de interesses privados. É necessário estar convencido de que a revalorização recreativa (Fig. 2) dos cursos d'água de forma alguma representa um papel secundário nas complexas dinâmicas da competitividade territorial, porquanto somente um ambiente agradável e tutelado em seus ciclos ecológicos está em condições de oferecer satisfação residencial e existencial, estimulando a serenidade e a confiança para o futuro.

Figura 02: Valladolid: recuperação de recreio do Rio Pisuerga no centro da cidade.



Fonte: Vallerani.

Isso se poderá realizar somente em presença de uma renovação projetiva, coligando o urbanismo à promoção de um humanismo fluvial consciente, do qual se pode iniciar a recuperação das memórias da água que muito frequentemente ficam abandonadas e à espera de um exercício de *pietas*⁹ territorial. Em geral se trata de pequenos rios e modestos canais, colocados em contextos marginais e alternativos relativamente à obstruinte ação territorial causada pelo urbanismo do poder. Os pequenos rios são ensejos para pausas de reflexão oportunas, oásis lineares onde elaborar outras narrações capazes de se oporem ao pensamento único do urbanismo especulativo, contestando com razoável firmeza o homologante griséu de uma tecnocracia territorial pouco previdente. A insidiosa retórica das pesadas intervenções consideradas irrenunciáveis porque “de utilidade pública” está conduzindo a uma perigosa deturpação da ideia de bem comum, revelando-se de fato pouco atenta a uma rigorosa e objetiva

⁹ N.T.: Em latim e itálico no original.

análise da relação entre custos e benefícios. Cada deflúvio singular é partícipe do sistema territorial e como tal tem em si o poder simbólico para rememorar o quanto é importante para uma comunidade considerar a construção da paisagem, de cada paisagem, como um ato de responsabilidade e respeito pelas futuras gerações.

5. CONCLUSÃO

Os tempos já estão maduros para se mobilizar as comunidades na promoção de ações concretas destinadas às pouco extensas geografias constituídas pelos corredores hidrográficos que atravessam os sistemas urbanos. Das grandes áreas metropolitanas às mais modestas dimensões dos centros habitados nos ambientes rurais, os sistemas fluviais naturais e a rede de canais artificiais oferecem oportunidades preciosas para o favorecimento de uma governança diferente, visto que as águas superficiais se tornaram o campo de ação preferido para desenvolver os mais eficazes processos de planificação participativa. Isto significa que camadas sempre mais amplas da população adquiriram a consciência de que a hidrografia é de importância estratégica para a recuperação da qualidade ecológica no interior das áreas urbanizadas.

Água e habitar: são estas as palavras-chave para interpretar as íntimas relações entre experiência dos lugares e perspectivas emocionais. Trata-se de práticas urbanas muito ligadas à herança cultural, na qual as percepções dependem intimamente do poder regenerador determinado pelos ditos blue-spaces (VÖLKER, KISTEMANN, 2011), não só do ponto de vista do restauro ambiental, mas também do modo de sentir-se parte de uma comunidade de cidadãos mais atentos aos valores imateriais que compõem a identidade local. A partir desta observação é possível avaliar com maior consciência a importância do envolvimento afetivo na ação social dos cidadãos, na qual a prática quotidiana do habitar gera narrações urbanas que quase sempre permanecem no vasto depósito, desconhecido e esparramado, dos conhecimentos subjetivos.

Trata-se de um patrimônio intangível que merece ao contrário ser re-descoberto, ainda que o empenho cognitivo do geógrafo e do urbanista tenha que servir-se de estimulantes colaborações com os estudiosos de psicologia, história oral e antropologia (JONES, 2011). Tal abordagem permite, portanto, enfrentar com instrumentos válidos esse desafio para promover uma forma de “humanismo aquático”, tentando atenuar o habitual rigor tecnocrático da engenharia hidráulica com discursos imaginativos capazes de contar outros segmentos de sentido que ficam escondidos sob as fisionomias visíveis das paisagens de água (VALLERANI, 2018).

REFERÊNCIAS

- BARTALINI, V. “Os córregos ocultos e a rede de espaços públicos urbanos”, in *Vitruvius*, n. 106.01, mar. 2009.
- CASEY, E.S., *Representing place. Landscape painting and maps*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 2002.
- CORBIN, A. *Les cloches de la terre. Paysage sonore et culture sensible dans le campagnes au XIXe siècle*, Roubaix, Michel, 1994.
- COSGROVE, D., (ed.), *Mappings*, London, Reaktion Books, 1999.
- DANIELS S., DELYSER D., ENTRIKIN N. (eds.), *Envisioning landscape, making world. Geography and the humanities*, London-New York, Routledge, 2011.
- DARDEL, E. *L'uomo e la terra. Natura della realtà geografica*, Milano, Unicopli, 1986.
- DAVIDSON, J., BONDI, L., SMITH, M., *Emotional Geographies*, Aldershot, Ashgate, 2005.
- GEDDES, P. *Cities in Evolution*, New York, Harper & Row, 1968.
- HASTRUP, K., HASTRUP, F., (eds.), *Waterworlds. Anthropology in fluid environments*, New York, Oxford, Berghahn, 2015.
- HERZOG, T.R., “A cognitive analysis of preference for waterscapes”, in *Journal of Environmental Psychology*, 5, 1985, pp. 225-241.
- IOVINO, S. *Ecologia letteraria. Una strategia di sopravvivenza*, Milano, Edizioni Ambiente, 2006.
- JONES, O., “Geography, memory and non-representational geographies”, in *Geography Compass*, 5 (12), 2011, pp. 875-855.
- KAPLAN, R., KAPLAN, S., *The experience of nature. A psychological perspective*, Cambridge, CUP, 1989.
- McMILLIN, T.S., *The meaning of rivers. Flow and reflection in American literature*. Iowa City, University of Iowa Press, 2011.
- MUEHRCKE, P.C., MUEHRCKE, J.O., “Maps in literature”, in *The Geographical Review*, 64, 1974, pp. 317-338.
- NOGUÉ, J. *Altri paesaggi*, Milano, Angeli, 2010.
- PEZZULLO, L., “Verso una geografia degli spazi vissuti”, in A. PAOLILLO (a cura di), *Luoghi ritrovati. Itinerari di geografia umana tra natura e paesaggio*, Vidor (Treviso), ISTHAR, 2013, pp. 121-147.
- SEAMON, D., MUGERAUER, R., (eds.), *Dwelling, Place and Environment. Towards a Phenomenology of Person and World*, Den Haag, Nijhoff, 1985.
- TARPINO, A., *Spaesati. Luoghi dell'Italia in abbandono tra memoria e futuro*, Torino, Einaudi, 2012.
- TUAN, Y.F., *Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, values*, New York, Columbia University Press, 1974.
- VALLERANI, F., *Italia Denuda. Percorsi di resistenza nel Paese del cemento*, Milano, Unicopli, 2013.
- VALLERANI, F., “Introduction: flowing consciousness and the becoming of waterscapes”, in VALLERANI, F., VISENTIN, F., (eds.), *Waterways and the Cultural Landscapes*, London, Routledge, 2018 (forthcoming).
- WILKIE, S., STAVRIDOU, A., “Influence of environmental preference and type congruence on judgments of restoration potential”, in *Urban Forestry & Urban Greening*, 12 (2), 2013, pp. 163-170.
- VÖLKER S., KISTEMANN, T., “The impact of blue space on human health and well being. Salutogenetic health effects of inland surface waters: a Review”, in *International Journal of Hygiene and Environmental Health*, 214 (6), 2011, pp. 449-460.
- WRIGHT, J.K., “Terrae Incognitae: the Place of Imagination in Geography”, in *Annals of Association of American Geographers*, vo. 37, (1947), pp. 1-15.
- ZANETTO, G., (a cura di), *Les Langages des Représentations Géographiques*, Venezia, Dipartimento di Scienze Economiche, 1989, 2 vll.
- WYLIE, J., *Landscape*, London, Routledge, 2007.